

Seção de entrevistas

Maria Beatriz Borba Florenzano: memória de uma trajetória acadêmica

Maria Beatriz Borba Florenzano: memory of an academic journey

Márcia Cristina Lacerda Ribeiro¹ - 0000-0001-7181-1642.

¹Universidade do Estado da Bahia, Caetitê, Brasil - mclribeiro@uneb.br

Apresentação

Maria Beatriz Borba Florenzano, ou simplesmente Bia, assim chamada pelos amigos e tantos admiradores, é professora aposentada da Universidade de São Paulo. Ela dedicou os últimos 50 anos da sua vida à construção de uma trajetória acadêmica de grande prestígio nas áreas da História Antiga e Arqueologia. Esteve na construção e consolidação do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP), sua segunda casa, e primeira muitas vezes. Do seu legado, um dos pontos altos foi a criação, juntamente com as Professoras, Elaine Veloso Hirata e Maria Cristina Kormikiari, do Labeca (Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga), no ano de 2006. Este segue servindo de modelo para tantos outros laboratórios no País. Esta entrevista¹, concedida em sua sala, no MAE, em março de 2023, a mim, Márcia Cristina Lacerda Ribeiro, sua orientanda da Pós-graduação ao estágio Pós-doutoral (2010-2019), apresenta um tom diferente daquelas que a Professora tem concedido². O objetivo aqui é rememorar sua trajetória, acompanhar alguns dos seus passos de menina, no Perú, envolvida com muitos artefatos arqueológicos (e sendo por eles envolvida), vivendo cercada pelos sítios andinos, falar sobre seu fascínio pela História e pela Arqueologia (ou pela Arqueologia e pela História, ou simplesmente por aprender). A entrevista segue em clima agradável,

¹ Meu especial agradecimento a um orientando querido, que gentilmente transcreveu esta entrevista, Rick de Jesus Santos (História/Universidade do Estado da Bahia).

² Vejam especialmente duas entrevistas: uma concedida à revista Romanitas (FLORENZANO, 2020) e a outra à revista Heródoto (FLORENZANO, 2019). Para maiores informações sobre programas de televisão, podcasts, entrevistas, consultar o extenso currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5555663009949895>.

amoroso, em que Bia vai buscando suas memórias e nos dando a conhecê-las. Mais do que os temas pesquisados por ela, o meu interesse era descobrir a mulher por trás da genial pesquisadora, os passos para a construção e consolidação de uma carreira. Para conhecer um pouco mais sobre a nossa entrevistada, deixamos a referência de um belíssimo livro, justa homenagem a uma plêiade que se dedicou a escrever a história da Antiguidade no Brasil, *Pesquisadores da Antiguidade: a formação de um campo interdisciplinar no Brasil* (MOERBECK; FRIZZO, 2023). Nele, tive a honra e o prazer de homenagear a Bia, juntamente com os meus queridos amigos e colegas, também eles seus ex orientandos, o Vagner Porto e a Cristina Kormikiari (RIBEIRO; PORTO; KORMIKIARI, 2023). Depois de 50 anos, ao se fecharem as cortinas, ouço o canto da sua alma, tal qual Frank Sinatra, *I did it my way*. Encerro, por fim, com um trecho de um poema, atribuído a Cora Coralina, que, para mim, tão bem retrata Bia:

Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou. Ensinou a amar a vida e não desistir da luta, recomeçar na derrota, renunciar a palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos e ser otimista.

Em primeiro lugar, registro os agradecimentos em nome da Revista “Perspectivas e Diálogos” e a minha alegria em poder conversar um pouco sobre sua trajetória profissional e também pessoal, histórias que se inter cruzam. Vamos começar pelo Peru, entre 1964 e 1968. Fale um pouco sobre essa etapa, sua descoberta da História e da Arqueologia.

Quando eu era menina eu achava que eu era uma historiadora, eu gostava do passado. Meu pai foi criado numa fazenda de café no interior de São Paulo, administrada por meu bisavô. Ele conviveu com os colonos italianos; sempre falava da história da Itália, sabia italiano. Ele me fez colecionar selos de vários países. Na infância, meus pais me colocaram em uma escola canadense, em São Paulo. Fui alfabetizada em inglês, lia os verbetes de história da Inglaterra na Enciclopédia Britânica que tínhamos em casa. Eu sabia os nomes de rainhas e reis, e achava o máximo. Quando eu cheguei no Peru, comecei a cursar o que seria o Fundamental II hoje. Tudo que era passado me interessava, sobretudo em Lima, onde diferentemente de São Paulo, eu podia experimentar o passado nas ruas. No centro da cidade e nos mercados, o encontro com aqueles indígenas peruanos e suas roupas típicas me causavam fascínio; nas redondezas de minha casa havia um sítio arqueológico e eu passeava por lá. Certa vez fizemos uma viagem de carro por todo o litoral norte do Peru, chegando até Guayaquil, no Equador. Parávamos em todos os sítios

arqueológicos no caminho. Fiquei muito impressionada com o sítio Mochica, todo construído no meio do deserto. No Peru, meu pai trabalhava para a Organização Mundial de Saúde, como administrador hospitalar. Sua função era supervisionar a construção de novos hospitais tanto no Peru quanto nos países vizinhos. E o extraordinário era que ganhava dos operários vasilhas inteiras de cerâmica, que estes encontravam ao fazer as fundações das construções. Ele as trazia para casa e, assim, acabou montando uma pequena coleção com esses presentes, transmitindo para os filhos esse interesse pela antiguidade sul-americana. Eu vivia cercada de todas essas coisas e da própria história do Peru, que incluía a história dos povos pré-incaicos e dos próprios Incas; decorava toda a história daquelas culturas enquanto visitava os museus. Fiquei fascinada com aquele passado porque os objetos trazem o materializam o passado, tornando-o mais acessível que, no fundo, é o objetivo dos estudos da Arqueologia. Com efeito, o objeto nos coloca de forma direta em contato com o passado. Quem não tem em casa, e eu desafio sempre os alunos, uma caixinha com moedas que já não circulam? Ao olhar uma moeda antiga, é natural que nos transportemos a outros tempos. Eu também tive a influência de uma professora brasileira, Vera Coelho, que estava no Peru nessa época, fazendo doutorado. Ela já me chamava à atenção para esse passado como área que eu poderia pesquisar. O Peru me trouxe muitas experiências bonitas em plena adolescência. Todo esse mundo foi sendo carregado comigo. Até hoje eu me comunico com os amigos que fiz por lá, acompanhei a carreira de alguns deles. Depois dessa vivência, entre 1964 e 1968, fui para um intercâmbio de um ano nos Estados Unidos e em 1969 regressei ao Brasil.

Você voltou ao Brasil em 1969 e no ano seguinte entrou para o curso de História da USP, aquilo que parecia mais próximo da Arqueologia. Você imaginava que a Arqueologia se tornaria tão relevante para a História? Como você vê historiadores cada vez mais ligados à Arqueologia atualmente?

Ao retornar ao Brasil, minha opção foi fazer o curso de História. Como eu tinha sido alfabetizada em inglês e passei um bom tempo em contato com o espanhol, no Peru, depois morei um ano nos Estados Unidos, eu falava mal o português. Fui, então, para um cursinho, o Objetivo, e depois de três meses fui aprovada no vestibular da USP. Assim, iniciei, em 1970, o curso de História com dezessete anos. Meu pai ficou muito preocupado com o meu futuro: o que faria eu com uma faculdade de História? Meu irmão havia feito Arquitetura, minhas duas irmãs foram da primeira turma de Ciências Sociais da Universidade Católica do Peru. Quando me encantei pela História não tinha muito ideia

do que eu seria profissionalmente, só queria estudar, conhecer. A primeira coisa que eu vi no Departamento de História da USP, foi um museu de Arte e Arqueologia que me atraiu como um ímã. Àquela época essa instituição era dirigida por Ulpiano Bezerra de Meneses que logo me ofereceu uma bolsa de monitoria. Aliás, eu conheci o meu futuro marido [Modesto Florenzano³] como monitor desse Museu, ele havia ingressado antes de mim. A monitoria era esse lado educativo do Museu, de guiar estudantes, mas era preciso passar em um teste, fazendo uma pesquisa sobre alguma peça do acervo do Museu. O professor Ulpiano me colocou diante de algumas peças equatorianas da coleção e me ofereceu uma bibliografia. Fiz a minha primeira pesquisa arqueológica a partir dessas peças. Ingressando na monitoria, tive a bolsa a partir do segundo semestre de 1970 até 1973, quando eu me formei. Eu vivi muito tempo dentro desse museu, como monitora, logo passei a ajudar na montagem das exposições, a criar material educativo e a ajudar na realização de visitas guiadas para escolares. Seguiram-se anos de intensa movimentação na USP, com muitos professores estrangeiros oferecendo cursos, sobretudo de extensão universitária. Eu fazia tudo dentro das mais diversas áreas e com as inúmeras leituras eu ia me formando, ainda que não contasse com o curso regular de Arqueologia na Universidade, que não existia.

Em seu memorial de livre docência (não publicado), um texto memorável, você delineia como vai construindo sua trajetória profissional. Era uma consumidora compulsiva de tudo - incontáveis cursos, inúmeros projetos de extensão e pesquisa em que se engajou, de línguas, monitorias... Inicialmente você estava ainda muito ligada à paixão pela arqueologia pré-colombiana, mas, de repente, os gregos chegam para você com força total.

Ah, os gregos caíram no meu colo por uma casualidade. Eu não sei se eu descrevo isso no memorial, mas por uma pura casualidade, por que no final do curso de História eu já tinha ido duas vezes ao México, feito escavações. Mas a área de arqueologia pré-colombiana não existia no Brasil, não havia orientadores, não havia bibliografia disponível. Tinha a professora Vera Coelho, ela fez o doutorado à época e estava na área de etnografia brasileira. Seria uma opção de orientadora, mas adoeceu e ficou dez anos afastada. O Professor Ulpiano colocou bem claro para mim que se eu quisesse continuar, eu teria que fazer Arqueologia Brasileira. Ele levou a mim, à Mabel e à Elaine⁴ para uma expedição na Amazônia. Aprendemos muito àquela época. Mas em vista de tudo que eu

³ O então monitor, Modesto Florenzano, também se tornou professor de História da Universidade de São Paulo. Eles se casaram e tiveram um filho e uma filha, Estevão e Ligia

⁴ A Maria Isabel Fleming (Mabel) e a Elaine Veloso Hirata e Beatriz Florenzano ingressaram na USP à mesma época e tornaram-se companheiras inseparáveis.

Maria Beatriz Borba Florenzano: memória de uma trajetória acadêmica
Márcia Cristina Lacerda Ribeiro

tinha visto no México e no Peru, não era aquilo que eu queria. A Arqueologia amazônica era um território ainda a ser trilhado no início dos anos 1970 e eu me senti perdida diante da enormidade do trabalho, Meu fascínio era pela arqueologia pré-colombiana. Aquelas peças de cerâmica na casa do meu pai me olhavam todos os dias e eu me perguntava “o que eu vou fazer agora?” À época, Mabel, que já havia cursado Física na USP, e era praticamente dez anos mais velha que eu, precisava resolver a vida dela. Ela queria fazer Arqueologia, já tinha morado na Itália entre 1966 e 1968, conhecia muitos Museus maravilhosos, e decidiu escrever uma carta para a Haiga [Haiganuch Sarian], que estava na Grécia, com o pedido de orientação. Me mostrou a carta e me ofereceu para assinar junto com ela. Imediatamente a Haiga nos acolheu. E foi assim que a Grécia caiu no meu colo, fiquei um pouco pasma de início. Logo que retornou ao Brasil, Haiga nos encaminhou para duas coleções do Museu que, segundo ela, mereciam estudo – as lamparinas e as moedas. Havia uma terceira coleção que já vinha sendo estudada pela Elaine que havia ingressado no Mestrado antes, a coleção de terracotas gregas. Fiquei com as moedas e imediatamente fui aprender o grego, alertada da necessidade pela Haiga. Sempre adorei línguas. Na graduação fiz um pouco de russo e falo um pouco até hoje. Minha companheira de sempre, a Mabel, acompanhou-me nos cinco anos de língua e literatura grega sem matrícula oficial no curso, e só tirávamos dez. Fomos alunas dos grandes nomes do curso àquela época – José Cavalcante, Ana Lia de Almeida Prado, Isis Borges, Filomena Hirata. Aquilo foi para mim um mergulho na Grécia e uma coisa absolutamente fascinante – entrar na Grécia Antiga pela língua, pelo grego. Aprendemos a traduzir os poemas épicos, a poesia lírica, os trágicos e os dois historiadores, Heródoto e Tucídides. E com a profa. Ana Lia entrávamos em cheio na gramática. Ela era uma professora de mão cheia. Tanto Mabel quanto eu éramos completamente fascinadas, e só tirávamos dez em provas e exercícios, o que nem sempre acontecia com os alunos regulares. (risos).

Que viagem fascinante no tempo!!!! Vamos retomar o vestibular, todo esse período, a Arqueologia como parte de sua vida... Você imaginava nesse período que a Arqueologia se tornaria tão central na vida de um historiador como acontece hoje?

Eu acho que não, eu era muito menina, eu não tinha muita noção de onde eu estava entrando. No curso de História tínhamos que ler um manual francês chamado *L' Histoire et ses méthodes* de Charles Samaran. Nesse livro, aprendíamos que a História era a ciência principal e que outras disciplinas como a Arqueologia, a Numismática, a Paleografia e Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino
ISSN 2595-6361
Vol. 6, N. 12, ano 2023, páginas 191 - 206

outras tantas, eram disciplinas auxiliares da História, subalternas, destinadas a oferecer dados para a interpretação de historiadores. Era enorme a influência de autores franceses em toda a faculdade de Filosofia Ciências e Letras como então era chamada a FFLCH. Influência que vinha desde a fundação da USP em que professores franceses foram chamados a dar uma contribuição em diversos cursos. Em Metodologia da História, por exemplo, tivemos um professor francês, J. Charbonnel, que dava aula em francês, para a revolta de vários alunos. No Museu, também tivemos muitas disciplinas de extensão universitária e de pós-graduação em francês; por lá passaram Pierre Courbin, Philippe Bruneau, Jean Bottéro, Helene Cassin-Vernant, Lilly Kahill, Rene Ginouvès, para mencionar alguns. A Haiga e o Ulpiano eram de formação francesa, assim como vários de nossos professores no curso de grego. No departamento de História, tínhamos ótimos professores, brilhantes na pesquisa, sobretudo, de História do Brasil, História Antiga e História Medieval, outros nem tanto. No caso da Arqueologia, o Prof. Ulpiano foi o grande inovador em termos de método e pesquisa do documento material. Ele sempre falava: “o objeto não pode ser só ilustração, o objeto tem uma linguagem própria; é preciso fazer perguntas adequadas ao objeto”. Ele nos ensinou isso. E apesar de lermos em *L’histoire et ses méthodes* que a Arqueologia, Paleontologia, Numismática, Epigrafia, eram disciplinas menores, Ulpiano dizia: “elas são todas disciplinas maiores, também como a História, porque elas têm metodologias próprias e seus próprios questionamentos. São fontes diferentes dos textos escritos, com suas especificidades”. Isso me marcou profundamente e me fez sempre buscar as perguntas certas para fazer aos documentos materiais. Depois que me aposentei, decidi reler a minha dissertação de mestrado, e que amor! Eu me impressionei de como àquela época pude construir um catálogo a partir das perguntas suscitadas pelas moedinhas de bronze, feias, todas muito gastas. Eu me apoiiei nas fontes escritas e arqueológicas, naquilo que Ulpiano ensinava, que tanto me marcou – *o documento material não pode ser só ilustração*. Ele trazia isso da sua formação na Europa, na Escola Francesa de Atenas, aliado à sua inteligência e sensibilidade. Depois fomos ler/estudar tudo sobre o Gordon Childe, também ele e tantos outros me marcariam profundamente, especialmente *Archeologia e cultura materiale. Lavoro senza gloria nell’ Antichità*, de A. Carandini (1972). Carandini propunha o estudo dos objetos que os museus descartavam - a cerâmica feia, aquelas moedas feias, aquelas construções que já estão todas demolidas, que não têm coluna, os lugares de trabalho das classes subalternas. Ele influenciou muito a nossa formação pelo viés do Professor Ulpiano. Eu, a Mabel e a Elaine fizemos um grupo para trabalhar este livro. Enquanto a Haiga nos guiava para o

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino
ISSN 2595-6361
Vol. 6, N. 12, ano 2023, páginas 191 - 206

estudo específico de cada objeto, da catalogação, da classificação, o Ulpiano tinha esse lado da interpretação da teoria e tal. Tudo isso interferiu muito na minha formação como arqueóloga. Eu sei lá se eu estava fazendo arqueologia, ou se eu estava fazendo história. Eu queria estudar o passado e a Grécia caiu no meu colo, aquelas moedas gregas caíram no meu colo e eu falei: ah! Eu vou mergulhar nisso e ver o que que vai sair daí.

Bebendo de várias fontes, consumindo de tudo, você foi se transformando em uma pesquisadora independente, ganhou autonomia. Passou a criar os seus próprios modelos de questionamento e interpretação. Tornou-se referência. Nesse processo de construção de si, quando você se viu pronta, fazendo as próprias perguntas? Quando já não era a Haiga, o Ulpiano e todos os demais, embora eles façam parte de você?

Eu acho que isso veio com o doutorado, com a pesquisa que eu fiz a partir do tema que me foi sugerido pelo professor Tony Hackens, da Universidade Católica de Louvain, a quem devo muito na área de numismática, por todo apoio que recebi, todos os livros que ele comprava e me mandava – numa época que não havia internet, e em que catálogos de bibliotecas estrangeiras eram inacessíveis. Devo muito a este professor. Ele percebia as moedas em suas minúcias e me ensinou que olhar apenas uma moeda não seria suficiente; era indispensável examinar uma amostragem relevante, talvez até 100 moedas do mesmo tipo para tirar uma conclusão. Ele me ensinou como se interpreta a moeda, seja a moeda em si, o conjunto de moedas, seja a moeda distribuída no espaço. Então eu acho que no doutorado eu tentei com um conjunto de moedas específico com cronologia definida e com oficinas de cunhagem identificadas, colocar em prática as coisas que havia aprendido nas inúmeras aulas e orientação desse professor. Acho que o doutorado foi um grande passo na conquista dessa independência. Eu nunca quis me acomodar, acho que é da minha natureza. Por isso, explorei também outros campos da Arqueologia da antiguidade grega. Ministrei, por exemplo, 10 anos de história da arte grega no MASP; nunca dei uma aula igual a outra, sempre ia ler mais, ia me atualizar. Sempre estive preocupada, naquele início, com o julgamento que os alunos iam fazer de mim, julgamento que eu fazia de alguns professores na minha graduação. Hoje já não tenho essa preocupação. Fui trabalhando, fazendo contatos. Nos anos 90 já fazia muita coisa. Com o Francisco Marshall, estive no Projeto Apolônia, que se ocupou de um sítio romano em Israel. Graças aos contatos do professor Marshall, fomos escavar em Israel, criamos um sítio-escola. Fomos em 2000, fizemos uma temporada de escavação. A FAPESP financiou, pagou todos os trabalhadores, todo equipamento que levamos. Infelizmente, não pudemos dar prosseguimento porque percebemos que não tínhamos autonomia

suficiente para fazer as escavações. Com as dificuldades políticas enfrentadas em Israel a partir dos anos 2000, interrompemos o Projeto. A partir daí tive o *insight* de fazer alguma coisa diferente da minha especialidade, a moeda. Quando uma aluna me disse que não queria estudar moeda porque era algo muito pequeno, concluí que realmente para estudar a moeda era preciso ter um temperamento específico. Assim, do contato com o Marshall, me veio a ideia de estudar o espaço e abrir o manancial de possibilidades de pesquisa. Pelo espaço passam inúmeras possibilidades de pesquisa: a arquitetura, eu posso estudar religião – santuários - eu posso estudar política – os edifícios públicos, eu posso estudar moedas, eu posso estudar cerâmica, eu posso estudar a distribuição dos objetos no espaço, as redes que se fazem de contato de Israel, de Apolônia com os gregos, com os fenícios, com os romanos – a coisa pode mudar de figura. Entramos também na arqueologia da paisagem. Foi então que amadureceu a ideia de montar um laboratório em que pudéssemos estudar, com maior foco, o espaço, ampliando o contexto do Oriente Médio romano para o estudo do disciplinamento do espaço na Grécia antiga. Pensávamos, assim, poder acolher mais alunos, com interesses diversos, mas sempre com o foco no estudo do espaço na Grécia Antiga.

Quando você concluiu o doutorado, nova fase se iniciou e com fôlego total. Vieram as orientações, muitos projetos...

Tive a minha primeira orientanda em 1994. As três primeiras foram a Maria Celeste Fachin, a Maria Cristina Kormikiari e Ângela Gianeze Ribeiro, se não me falha a memória. Todas em numismática, a Ângela em numismática brasileira – um trabalho incrível. Na década de 1990, montei um grupo de estudos sobre objetos de valor em que consegui incorporar as duas alunas, a Leila e a Cristiana, estudando objetos de valor no México e no Peru... A Leila Maria França foi realmente muito triste ela ter falecido tão jovem. Era uma pesquisadora de mão cheia, fez mestrado e doutorado maravilhosos e pesquisas de pós-doc originais, inclusive valendo-se de acervo conservado no MAE. A Cristiana Bertazoni Martins fez também um trabalho lindo sobre as imagens de época colonial no Peru, mostrando como os objetos de valor estão nelas representados. Esse grupo de noção de valor, foi um grupo incrível. Estudamos muito e de lá saíram também José Roberto Pellini, que fez trabalhos incríveis e é hoje professor na UFMG, e além da Leila e da Cristiana, minha colega querida Cristina Kormikiari participou desde o começo. Ela fez o primeiro curso de extensão universitária no MAE em 1987 e nunca mais se desvinculou do nosso Museu, onde hoje é docente ativa. Depois veio o Wagner

Porto, que também fez mestrado e doutorado em Numismática e muitos outros se seguiram.

Estes trabalhos marcaram sua trajetória, foram os primeiros... Você dava o pontapé inicial em outra forma de se fazer pesquisa no Brasil e encontrava o formato ideal na construção do Labeca (o Laboratório de Estudos sobre a cidade antiga), que se tornou uma referência no Brasil.

O Marshall me orientou na construção do projeto do Labeca e em 2004 começamos com um grupo de leituras programadas com umas 30 pessoas, entre alunos e professores. Diante da dificuldade de abarcar Grécia e Roma, resolvemos focalizar a Grécia. Eu e a Elaine submetemos o projeto inicial à Fapesp e este foi aprovado em 2005 como projeto temático, com vigência entre 2006 e 2010. Em 2011, a Fapesp aprovou um segundo projeto temático que foi vigente até 2015 e ainda até 2018 tivemos um terceiro projeto de pesquisa de dois anos, financiado pela mesma FAPESP. Estes financiamentos nos permitiram viajar às áreas de pesquisa, comprar bibliografia atualizada, levar alunos ao exterior, participar de eventos, montar uma equipe com professores brasileiros de fora da USP, e ainda conseguir a aprovação de inúmeras bolsas de estudo em Iniciação científica e em Pós-graduação. Tivemos sempre muito apoio do MAE, naquilo que este podia oferecer: espaço adequado, mobiliário, internet, segurança, insumos de escritório e assim por diante.

O Labeca é o primeiro laboratório de pesquisa temática do Museu, depois veio a criação de muitos outros. No caso do Labeca, são mais de 100 projetos cadastrados. Deu muito trabalho, montar uma equipe não é fácil, mas quando você consegue é uma sensação inigualável... muito gostoso. São muitos projetos, mestrados, doutorados e pós-doutorados concluídos. Eu gosto muito de falar daqueles que se formaram comigo e estão empregados. Você é uma dessas pessoas, por exemplo, o José Roberto, professor na UFMG, a Regina que trabalha no IPHAN, a Leila que trabalhava no IPHAN também. Meus colegas, ex orientandos, a Cristina Kormikiari e o Vagner Porto. Vários fizeram carreira e estão formando outras pessoas.

Sobre a construção do Museu (MAE), que você não só viu nascer como fez parte da sua história, o encontro com o futuro marido, os filhos. Toda uma trajetória em que se misturam a vida acadêmica, profissional e a vida pessoal. Fale um pouquinho sobre esse desafio.

Maria Beatriz Borba Florenzano: memória de uma trajetória acadêmica
Márcia Cristina Lacerda Ribeiro

É, eu tenho uma parte na construção do Museu ... tem um preço aí, né? Tem um preço (risos). Em 1969/1970 no segundo semestre eu já era monitora no Museu, eu passei toda graduação dentro do Museu. Depois eu me formei em 1973, tive um pouco de insatisfação, não sabia para que lado me virava, pensei muito em fazer biblioteconomia porque eu adorava classificar livros, pensei em fazer algum curso de museologia, já que eu estava dentro de um museu, mas não havia um curso de museologia na USP. Então eu fiquei um pouco perdida no ano de 1974. Era um ano difícil no Brasil. A ditadura militar estava se encerrando, eu me formei e comecei imediatamente a dar aula no fundamental II, na Prefeitura de São Paulo. Meu marido, o Modesto, por ser italiano, não podia ter vínculos públicos, dava aula em cursinho, em colégios. Bom! O dia que marcamos o casório ele foi preso porque tinha liderado um abaixo-assinado contra um professor extremamente conservador. Em São Paulo, o Segundo Exército queria mostrar serviço, então prendeu 40 pessoas, muitos amigos nossos. Modesto foi preso em 04 de abril e nós nos casaríamos em 09 de maio (risos). Continuei dando minhas aulas, a mãe dele pôs em ação o Consulado da Itália, que assumiu a responsabilidade de tirar ele da cadeia e conseguiu que ele não fosse torturado. Muitos foram torturados. Ficaram 40 dias presos e, no caso do Modesto, ele foi solto 3 dias antes da data de casamento. Eu tinha uma irmã que morava em Paris junto com o marido, ela me telefonou e ofereceu um apartamento para ficarmos enquanto ela não voltava de Paris. Assim o fizemos, assinamos os papéis no cartório e seguimos. Estava com 21 anos. Em 1972 foi feita uma grande reforma na USP. As cátedras foram extintas e foram criadas oficialmente as pós-graduações. O Professor Ulpiano conseguiu criar uma linha de pesquisa em Arqueologia Brasileira junto à nova Pós-graduação em Antropologia, linha que matinha uma área de concentração em Arqueologia mediterrânica, oriental ou mediterrânica, alguma coisa assim. Então já em 1972, antes podíamos seguir os cursos de pós-graduação com o professor Ulpiano. Continuávamos como estagiários/monitares do Museu, enquanto fazíamos o mestrado e o doutoramento orientadas pela Haiga. Ao defender o Mestrado em 1979, o Professor Mariano Carneiro da Cunha, docente do MAE, fez um esforço muito grande junto à Reitoria para que a Mabel, a Elaine e eu fôssemos contratadas como arqueólogas do Museu. Em 05/11/79 saía no Diário Oficial nossa contratação. A Mabel tinha uma sensibilidade muito grande para exposição, a Elaine para o setor educativo, sempre trabalhou no meio educativo. Eu fiquei ali no meio, querendo fazer pesquisa. Atuávamos as três em todas as áreas. Em 1979 estávamos grávidas ao mesmo tempo. Um dia antes de dar à luz, o Mariano veio a falecer.

O Professor Mariano foi um marco em sua trajetória, responsável por sua contratação... Fale como você vai assumindo infinitas atividades no Museu...

Um pouco, Márcia, nessa época, nós tomávamos a vida como ela vinha. Tinha muitas demandas no Museu que atendíamos como podíamos. Grávidas, depois com os bebês pequenos. A Elaine já tinha uma filha pequena, de 4 anos/5anos. Acredito que enfrentávamos a vida como ela se apresentava, mas sempre nos posicionando diante dos desafios de acordo com os nossos princípios e da forma como entendíamos um Museu Universitário.

Como era lidar com essa carreira meteórica, a pesquisa, os estudos, tudo correndo em paralelo com a vida doméstica como mãe e esposa?

Eu tive muito apoio do meu marido, sempre. Em 82, quando apareceu a bolsa para a Bélgica, o Modesto estava com o braço quebrado e ficou com a nossa filha, que ainda não tinha feito dois anos. Éramos vizinhos dos meus sogros. Tive muito apoio da minha sogra, apoio, estrutura, familiar. Fiquei três meses na Bélgica, segui depois para os Estados Unidos e fiquei mais quinze dias na casa de uma amiga para fazer pesquisa também. Quando voltei para o Brasil, minha filha falou: “como que você me deixou?” (risos). Tive muito apoio do Museu também. Meu pai sempre apoiava financeiramente e a minha mãe, que fez estudar as três filhas. repetia sempre, “vocês têm que ter emprego, tem que ter o dinheiro de vocês, têm que ser independente dos maridos”. Meu marido sempre foi professor, tinha horários muito maleáveis, tudo isso contribuía e as crianças sempre foram para o berçário desde os seis meses. Mas eu sei te dizer todas as passagens da minha tese de doutorado, por exemplo, que eu redigi dando de mamar ou com o meu filho no colo... o capítulo três, o pequeno com pneumonia no meu colo e eu escrevendo – à mão, claro, porque não existia computador, ou porque àquela época, estes eram inexistentes.....

Ser mulher em uma sociedade como a nossa já é por si muito difícil. E enfrentar o desafio de construir uma carreira profissional de excelência como você fez é ainda mais...

Agora eu tenho para mim, Márcia, que se você não resolve essa parte emocional, e falo isso para todos os meus alunos, como mulher, ter os filhos, e mesmo ter apoio de amigos, da família ... se você não resolve a parte emocional-familiar, você não consegue fazer nada, não consegue ser uma boa profissional, não consegue ir até o fim. Então, sempre falei para os meus alunos, vai lá resolver primeiro. Você precisa ter estrutura familiar, uma rede, que comporte irmãos, tios, avós. Tudo isso é fundamental para poder continuar.

Estrutura familiar, eis a base, a liberdade e o equilíbrio para a formação de um pesquisador, de um bom profissional.

Agora essa é a minha experiência. Tem dois lados, como já conversamos. Eu olho para trás e constato que a maleabilidade de horários e atividade presencial que o docente na USP possui, foi fundamental. Acredito que é essa maleabilidade que destaca a nossa Universidade em nosso país.

E sobre tudo que você ajudou a construir no Museu (o MAE), vamos retomar essa história...

Posso mostrar alguns nichos de contribuição. Primeiro eu fui coordenadora de pós-graduação, fui diretora científica por 5 anos. O Museu ainda estava alojado em outro edifício, antes de 1993. Em 1989 ocorreu a fusão do MAE com o Museu Paulista e com o Instituto de Pré-história. Como Diretora Científica, a primeira medida que tomei foi fazer um regulamento (risos), um manual com regras, porque ali aconteciam as coisas mais incríveis. A professora Haiga já tinha feito muita coisa antes, já tínhamos um Conselho que tomava as decisões mais importantes. Como coordenadora da Pós-graduação também criei um regulamento. Fui aos poucos contribuindo com a formação do Museu, especialmente com essa parte burocrática de construção de regras e regulamentos de sorte a uniformizar os procedimentos entre docentes e funcionários habituados com as três instituições que em 1989 haviam se juntado.

No caso da Pós-graduação, nessa época nosso Programa ainda dependia da Faculdade de Filosofia (FFLCH), apenas em 2004, com esforços conjuntos de colegas do Museu é que se conseguiu a independência de nosso Programa de Pós-graduação em Arqueologia. Depois dessa coordenação, eu me volvei para o Labeca, fiz o Laboratório. Acho que sua criação foi uma contribuição aqui dentro porque o nosso laboratório foi o primeiro a ser criado, os demais Laboratórios foram criados a partir dessa iniciativa que, na verdade, era uma tendência em toda a FFLCH. Hoje existem inúmeros Laboratórios de pesquisa nos cursos de Ciências Humanas na USP. Seguindo, virei diretora do Museu. A questão de virar diretora não era um desejo, mas as circunstâncias me encaminhavam para este ponto. No cargo, fiz algumas coisas, negocieei o prédio novo do Museu, fiz um livrinho com as regras (de novo!), instalei o ponto de dedo para disciplinar a frequência daqueles que faltavam muito e não justificavam. Inventei a reserva técnica visitável. Trouxe todo o acervo de arqueologia pré-colombiana do Banco Santos que estava no Memorial da América Latina para o Museu. Consegui verba da FAPESP para montar várias reservas

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino
ISSN 2595-6361
Vol. 6, N. 12, ano 2023, páginas 191 - 206

técnicas, consegui ainda a restauração de filmes etnográficos. Negocieei a vinda de algumas bibliotecas particulares para o Museu. Fizemos a compra de muitos livros, da biblioteca de numismática antiga.

São 50 anos dedicados à Universidade de São Paulo, ao Museu (MAE). Quando as cortinas se fecham (a aposentadoria), que não é exatamente um fechar, porque você continua com orientação, projeto de pesquisa e muito mais – o que é que vem mais agora?

Bom, então, o que vem agora, e a minha prioridade nesse campo, é o projeto de produtividade do CNPQ, no qual eu me propus a escrever um livro didático sobre História e Arqueologia da Grécia. Esse é o projeto. Olha só, isso eu aprendi com o professor Jean Pierre Vernant, nas muitas aulas que ele deu aqui na Faculdade de Filosofia (FFLCH). Todas as palestras, todas as aulas que ele dava, ele gravava e depois punha alguém para digitar, fazia a revisão. Em 2010 ou 2011, dei uma disciplina de graduação optativa sobre a História e a Arqueologia da Grécia Antiga. Todas as aulas foram gravadas; depois contratei acho que o Estevam de Argos e a Irmina (ambos alunos de pós) para digitarem este material. Devo atualizar muita coisa e juntar ao que tenho escrito sobre História da Arqueologia, material também de disciplina de pós-graduação que ministrei no MAE, por cinco anos. A ideia é escrever um manual mais completo, juntando e atualizando todo esse material que fui estudando e trabalhando por anos. Não temos ainda um manual desse tipo no Brasil, pensei que estou devendo isso ainda: li muitas coisas, escrevi outras tantas, formei muitos alunos, não é possível que eu não consiga escrever isto, nem que seja para publicar online (risos de ambas).

Um conselho para quem está começando a enfrentar essa estrada, costurando os primeiros passos...

Sabe, Márcia, eu não sei se eu tenho conselho para quem está começando. Tudo mudou muito, o mundo acadêmico é outro. Eu já tinha percebido isso nos anos 2000, quando eu fui para a Europa fazer estágio. As pessoas leem e fazem fichamento no computador, depois cortam e colam, então escrevem o mestrado e escrevem o doutorado. Hoje tem os aplicativos, as tecnologias de inteligência artificial que substituem, podem vir a substituir qualquer pesquisa. Quando eu me formei, tinha fila na biblioteca, você tinha que deixar reservado um livro para depois você ir pegar e ler. Tínhamos de fotocopiar e haviam poucas máquinas de fotocópias. Havia todo um esforço para ter em mãos o material utilizado na disciplina do Professor Ulpiano, por exemplo. Com tantas diferenças entre a

minha época e os dias de hoje, não sei se teria um conselho para um jovem. Reforço: com uma formação tão distinta dos dias atuais, não sei se eu tenho como dar conselho para um jovem que vai se formar agora ou vá se interessar por esse tema agora. Confesso que apressei a minha aposentadoria justamente por esse descompasso. Veio a pandemia, todas as disciplinas sendo dadas de modo online. Tudo. Toda a bibliografia, toda a comunicação com cada um dos alunos que se fazia por um e-disciplina na USP, você tinha que digitalizar, jogar os PDFs lá. Os trabalhos dos alunos chegavam por lá para corrigirmos, os comentários que fizéssemos eram enviados por lá. Então, eu sou uma pessoa que, quando dava aula, redigia aula por aula. Minha livre docência é fruto de uma disciplina de extensão universitária que ministrei, escrevendo aula por aula que foram digitadas e se transformaram naquelas cem páginas da tese. Hoje você vai na biblioteca aqui, a biblioteca está simplesmente vazia, tem duas três cadeiras ocupadas, é uma biblioteca minúscula, não sei se na FFLCH a biblioteca deve ter mais gente sentada nas cadeiras... então é muito difícil dar um conselho. Acabei me aposentando por conta disso... com 70 anos, 71 anos, eu tenho que fazer aquilo que eu sei fazer, e que eu consigo fazer.

O modo de estudar e de fazer pesquisa mudou muito. Também mudou o nível de exigência, agora vale o padrão Capes de ser – publicar é preciso, e publicar a todo custo, manter-se em um programa de pós-graduação é quase que se submeter a uma camisa de força...

É a tal da *salami science*, como os críticos do mundo acadêmico atual definem: você escreve um texto, depois desmembra os parágrafos criando fatias que servem na composição de outros textos, com leves mudanças. O mundo acadêmico atual, inclusive no Brasil, está repleto de estudiosos que recorrem a esse artifício, de sorte a aumentar as linhas do currículo, como exige a academia atualmente.

Como muitas vezes falamos das mesmas coisas, estou sempre me perguntando: meu Deus, eu já falei isso em algum outro lugar? Porque tem a história também do autoplágio que devemos estar atentos. Aqui na USP uma professora excelente teve um artigo refutado numa revista importante, porque disseram que era autoplágio. Então, penso que é como o José Roberto Pellini me diz: “professora, não podemos tratar do mesmo tema em mais de um artigo. Aquele tema tem que ser encerrado num único artigo”, eis um ponto conflituoso... Vejo os meus colegas, hoje, você por exemplo, a Cristina, o Vagner, a Juliana da Hora, a Viviana Lo Monaco, a Lílian Laky– desesperados para produzir, porque senão não tem recursos para continuar. Haverá outra saída, além da *salami*

Maria Beatriz Borba Florenzano: memória de uma trajetória acadêmica
Márcia Cristina Lacerda Ribeiro

science? Não passei tanto por isso, embora, assim que terminei o mestrado, a Professora Haiga me disse que era preciso publicar... mas acabei nem publicando nenhum texto sobre o meu mestrado. A primeira publicação só veio em 1994 a partir de uma apresentação que fiz em um congresso, e veja que eu já era doutora desde 1987.

Para encerrar o nosso bate papo, no fechar das cortinas, você fez do seu jeito? O quê que você mudaria 50 anos depois, vendo a menina que entrou na USP aos 17?

O quê que eu mudaria? Olha... não sei se eu mudaria alguma coisa, talvez eu mudasse. Eu penso que nesse tempo todo eu acabei dando pouca atenção aos meus filhos, e eu falo isso para eles. Eles então me dizem: “mãe, você é a melhor mãe do mundo. Pelo amor de Deus, se tivesse dado mais atenção a gente seria sei lá...”. Eles são ótimos filhos. Às vezes falo que nem acredito em tudo que aconteceu. Mas nisso tem a história que já falei - eu tive muito apoio da família e do meu marido principalmente. Não sei se eu mudaria alguma coisa. Houve uma época em que pensei em sair do Museu, anos 90, foi muito pesado para nós aqui. Eu estava realmente exausta. Pensava que se ganhasse na Loteria montaria um instituto de estudos sobre a Grécia antiga apenas para fugir do excesso da burocracia da Universidade. Apesar das “delícias” da vida acadêmica, há também muitas dificuldades em lidar com o aparato burocrático, com algumas situações, mas creio ter feito do meu jeito, não há outro, não é mesmo?

Muito obrigada pelo carinho com o qual me recebeu para esse bate papo, que durou uma hora e quarenta e sete minutos, enquanto a chuva caía. Tantos rasgos de um passado memorável, que, por certo, não cabem em uma entrevista de tão poucas páginas, mas um presente para todos nós, historiadores, arqueólogos e apreciadores do mundo antigo.

Boa leitura!

Referências

CARANDINI, Andrea. **Archeologia e cultura materiale**. Dai “Lavori Senza Gloria” nell’antichità a una politica dei beni culturali. Bari: De Donato Editore, 1979.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. As 'pólis' do Ocidente grego à luz da Arqueologia Clássica: uma entrevista com Maria Beatriz B. Florenzano. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, v. 15, p. 9-19, 2020.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. (2019). Cidades e Periferias no Mundo Antigo. **Heródoto: Revista Do Grupo De Estudos E Pesquisas Sobre a Antiguidade**

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino
ISSN 2595-6361

Vol. 6, N. 12, ano 2023, páginas 191 - 206

Maria Beatriz Borba Florenzano: memória de uma trajetória acadêmica
Márcia Cristina Lacerda Ribeiro

Clássica E Suas Conexões Afro-asiáticas, 4(1), 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/herodoto/article/view/10086>. Acesso em 28 de nov. 2023.

MOERBECK, Guilherme; FRIZZO, Fábio (org.). **Pesquisadores da Antiguidade: a formação de um campo interdisciplinar no Brasil**. Serra: Editora Milfontes, 2023.

RIBEIRO, MCL. PORTO, V. KORMIKIARI, MCN. Maria Beatriz Borba Florenzano: arqueóloga, numismata, professora. IN: MOERBECK, Guilherme; FRIZZO, Fábio (org.). **Pesquisadores da Antiguidade: a formação de um campo interdisciplinar no Brasil**. Serra: Editora Milfontes, 2023, p. 225-256.

SAMARAN, Charles. **L'histoire et ses methodes**: recherche, conservation et critique des témoignages. Bruges, Gallimard, 1961.

Informações dos autores

Márcia Cristina Lacerda Ribeiro. Professora da Universidade do Estado da Bahia, campus VI. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) da Universidade do Estado da Bahia. Doutora em História Antiga e Pós-doutora em Arqueologia Clássica pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca/MAE/USP) e do Núcleo de História Social e Práticas de Ensino (NHPE/UNEB/CNPq).

Contribuição de autoria: autora/entrevistadora

URL do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8559229880888004>

Como citar:

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. Maria Beatriz Borba Florenzano: memória de uma trajetória acadêmica. Entrevistadora: Márcia Cristina Lacerda Ribeiro. **Perspectivas e Diálogos**: Revista de História Social e Práticas de Ensino, Caetité, vol. 6, n. 12, 2023, p. 191 - 206.